

ARTISTA ETNÓGRAFO E ZONA RURAL: POÉTICA DE UMA ATMOSFERA CULTURAL

Gracia Casaretto Calderón / PPGAV – Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

Através de prolíferos contatos com a zona rural localizada entre os municípios de Pelotas e Canguçu, especificamente com pequenas propriedades de produção agroecológica, este artigo busca dispor considerações sobre uma pesquisa em artes visuais a partir da proposta de atuação do artista como etnógrafo. Uma investigação limítrofe a aspectos culturais, desenvolvida em torno da premissa da percepção pessoal da existência de uma atmosfera que transpassa os múltiplos aspectos desse lugar rural. Busco averiguar procedimentos de pesquisa capazes de captar os constituintes dessa atmosfera, utilizando-me da coleta de dados por intermédio de dispositivos de registro, provocando-me a pensar sobre o processo de criação plural, colaborativo, e sobre os parâmetros contextuais da arte contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

artista como etnógrafo; artes visuais; processo de criação; dispositivos de registro; atmosfera.

ABSTRACT

Through prolific contacts with the countryside located between the cities of Pelotas and Canguçu specifically with small agro-ecological production properties, this article seeks to provide considerations about visual art research with a proposal about the artist acting as an ethnographer. This is an investigation of some cultural aspects, developed around the premise of personal perception of the existence of an atmosphere that permeates the multiple aspects of this rural place. I seek to ascertain research procedures capable of capturing the constituents of this atmosphere, using the data collected with different recording devices, leading to reflection about a collective and collaborative creative process, and about the contextual parameters of contemporary art.

KEYWORDS

artist as ethnographer; visual arts; creation process; recording devices; atmosphere.

Há aproximadamente dois anos venho explorando a zona rural localizada entre os municípios de Pelotas e Canguçu (RS) através de visitas a pequenas propriedades de produção agroecológica¹ e pedaladas por estradas de chão que percorrem tais regiões. Por meio desses contatos pude conhecer um pouco sobre as atividades cotidianas dos habitantes, sendo que, durante as vivências em seus ambientes, pude constatar uma sensação recorrente: a percepção da existência de um tipo de “*atmosfera*” que constitui e transpassa os mais variados aspectos desse lugar rural. Minha pesquisa em artes visuais, portanto, compreende a zona rural de Pelotas onde é desenvolvida a agroecologia, a qual se estende até a zona rural pertencente ao município de Canguçu, por se tratarem de terras próximas onde estão localizados mesmos grupos de produtores agroecológicos.

Acerca dessa *atmosfera* e minha percepção, pude pensar sobre a singularidade cultural dos habitantes em relação às suas identidades, valores, consciências sustentáveis. Reflito também sobre seus modos de vida mantidos pelo trabalho com a terra; sobre terem optado pelo uso do sistema agroecológico; sobre cotidianos intimamente ligados à natureza, que tendem a respeitar o meio ambiente ao mesmo tempo em que à mercê das variantes naturais de clima, ar, solo, água, vegetação, animais.

E foi exatamente a percepção de tal *atmosfera*, as sensações ocasionadas pela sua experiência, que motivaram a pesquisa, e originaram questionamentos durante o processo criativo: como captar a *atmosfera* que se faz nesse lugar (zona rural estabelecida)? Como transportar, recriar e transmitir essa *atmosfera* em outro contexto?

Tais questionamentos provocaram pensar sobre a atuação do “artista como etnógrafo”, assim como sobre uma investigação com coleta de dados através de “dispositivos de registro”. Dispositivos, estes, que considero capazes de auxiliar na captura dos mais variados elementos constitutivos dessa *atmosfera*.

Logo, objetivou-se refletir sobre o processo de criação a partir de procedimentos de pesquisa que gerem um conjunto denso de material, experiência e conhecimento sobre o ambiente, para a então reconstrução de tal *atmosfera* no campo da arte, e

assim, permitir o acesso a ela, transportando-a para outros contextos localizados na zona urbana – possibilitar desdobramentos perceptivos.

Zona rural, o retorno

A significativa identificação com esse lugar que se constrói em meio à natureza restaurou questões próprias da minha constituição identitária que se deu em semelhante *atmosfera*: em uma zona da "campanha", próxima à cidade de Pelotas. Hoje, por outro lado, no contexto da vida urbana onde habito, frequentes são os sentimentos de alienação e não pertencimento frente à forma como sua estrutura se manifesta. Imersa em uma vida corrida, de tempos que se esvaem, práticas que se repetem e sistemas sociais que se impõem, me deparo com tais sentimentos que levam à reflexão da existência de dois contextos: vida urbana e vida rural.

Da identificação com a zona rural emergiu a vontade de reaproximação: movimento sensível de retorno à casa que gera reflexão pessoal e expande noções em relação a esse espaço e à riqueza de elementos que o compõe. Deparo-me, sobretudo, com as possibilidades que a prática e o processo artístico criativo dispõem para a investigação e, principalmente, compreensão desse lugar.

Minha pesquisa, que vinha de um processo criativo íntimo, interior, com o uso de linguagens do desenho, da pintura e da escrita, toma, então, um viés de exteriorização poética em direção ao mundo visível², estreitando vínculos com essa zona rural tão densa de sentidos.

Iniciei, assim, as primeiras investigações em zonas rurais em torno das terras vividas na infância, por meio de visitas a pequenas propriedades de produção agroecológica, onde os agricultores frequentemente se mostravam comunicativos, dispostos a apresentar suas propriedades e dialogar sobre suas práticas. As propriedades visitadas localizam-se na região da Cascata, Colônia São Manoel, Coxilha dos Campos e Coxilha dos Silveira, situados entre os municípios de Pelotas e Canguçu (fig. 1).



Vista da região serrana, Coxilha dos Silveira, Canguçu (RS), 2015
Registro fotográfico

Zonas formadas por serra, relevo de altos e baixos, com estradas de chão que costuram pedaços de terras separadas por cercas de arame, onde a maior parte dos agricultores possui pequenas extensões de terras para cultivo de frutas, verduras, espécies nativas e criação de animais.

Nesses locais, me deparei com pessoas de aparências simples, falas humildes, que se apresentaram alegres, receptivas, e amigáveis. Pessoas que decidiram permanecer junto à natureza, em sua maioria conscientes da conservação e respeito ao meio ambiente ao citarem suas práticas agroecológicas.

E foi então que, em certos instantes das visitas, percebi a existência de uma *atmosfera* que envolvia tais lugares. Observei também que a *atmosfera* se fazia em determinado período de tempo, com uma duração única de existência que não se repetia. Parecia-me estar relacionada a momentos que se compunham de acordo com alguns dos seguintes aspectos ambientais em consonância com certos horários do dia: luminosidade, temperatura, pessoas presentes (com suas atividades e comportamentos), vegetação, sons, ruídos de animais, vento, aromas, contato tátil pessoal com os elementos pertencentes ao lugar.

Atmosfera, a poética da cultura

Atmosfera do grego *atmos*, vapor, ar, e *sphaira*, esfera, substantivo feminino que em

geologia significa camada gasosa que envolve a Terra (atmosfera); ar de uma terra, de um lugar. No sentido figurado, meio em que se vive, considerado como capaz de exercer uma influência.³ Possui a função de equilibrar a temperatura do planeta possibilitando a existência de vida. Juntamente com a litosfera (rochas e solos), a hidrosfera (águas), e a biosfera (seres vivos), forma o estrato geográfico: componentes interdependentes que se relacionam entre si; sendo que a modificação de um deles altera todo o conjunto.⁴

Em relação à percepção do espaço, em seu livro *Atmosferas*, o arquiteto Peter Zumthor afirma a existência de uma energia atmosférica, e que “a atmosfera comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver” (ZUMTHOR, 2009, p. 13). Afirma ainda que “existe uma magia do real” (Ibidem, p.19), magia esta que entendo como uma sensação a partir da percepção individual da *atmosfera*, na relação pessoal da experiência com o espaço.

No âmbito da psicologia social, Jahir Navalles Gómez discute a ideia de “atmosfera social” utilizando-se da noção de metáfora:

[...] atmosfera é o esboço de uma metáfora sólida e evanescente que nos permite confrontar os cânones que uma disciplina como a psicologia social construiu, porque - e se recorrermos a um exercício crítico do conhecimento no mesmo instante em que uma metáfora é proposta, se deverá assumir que essa mesma metáfora haverá de evanescer-se.⁵

Âmbito que me faz pensar que a percepção da *atmosfera* da zona rural referida me propiciou experiência e conhecimento, e como consequência, a renovação de minhas imagens mentais e conceitos acerca desse lugar; imagem, essa, anterior à pesquisa, e incoerente com a realidade apreendida nos contatos e visitas. Reflito, então, sobre a possibilidade da construção de um trabalho em arte que venha a estimular a crítica e os desdobramentos do olhar a partir da transposição dessa *atmosfera* para a zona urbana, a qual oportunize novas experiências; transformação.

Creio que a compreensão dos elementos que compõem tal *atmosfera* e os espaços da zona rural e suas mais variadas peculiaridades, conjuntamente com minha percepção pessoal, geram experiências únicas e desafiadoras na tentativa de sua

reprodução em outros contextos sob os parâmetros da esfera da arte. Assim, percebo fundamental a fase de coleta de dados, como também a escolha dos dispositivos de registro que propiciem qualidade investigativa no processo de criação.

Nesse sentido, percebo que tal prática da minha pesquisa se aproxima dos procedimentos do artista que atua como etnógrafo, embora não seja garantida a neutralidade na investigação em virtude da minha subjetiva relação com essa zona rural.

Para Hal Foster (1996, p. 182), crítico e professor de arte e antropologia, o método etnográfico de pesquisa advém da antropologia a partir de uma concepção de alteridade, ao mesmo tempo em que realiza aproximação com a prática e o discurso artístico - local propício para o trabalho sob um viés psicanalítico. “[...] é a disciplina que toma a *cultura* como seu objeto e este campo expandido de referências é o domínio da teoria e da prática pós-moderna [...]”.⁶

Artista etnógrafo, a investigação

Segundo Foster (1996, p. 184), a etnografia na arte contemporânea resulta de um percurso investigativo da arte desde os anos 1960. Primeiramente em relação à constituição material do meio, depois sobre o espaço perceptivo, e então sobre as bases corpóreas dessa percepção (Ibidem, p. 184).

A instituição da arte deixou de poder descrever unicamente em termos espaciais (estúdio, galeria, museu, etc); era também uma rede discursiva de diferentes práticas e instituições, outras subjetividades e comunidades.⁷

Ao refletir sobre comunidades, contextos sociais e cultura, acabei aproximando-me de experiências pessoais cotidianas, as quais me levaram a questionar os contextos da zona rural e da zona urbana. E a arte, atrelada à minha vida, é via para a compreensão da zona rural específica e sua *atmosfera* a partir de uma poética que busca a tradução da percepção por meio da criação artística.

No ano de 1975, o artista Joseph Kosuth publica o texto *O artista como antropólogo*, no qual escreve: “o artista perpetua sua cultura mantendo certos aspectos do

mesmo pelo [ato de] “usar” destes [aspectos]. O artista é um modelo do antropólogo engajado”⁸, levando-me a pensar sobre o amplo caráter do papel do artista na cultura, e nos possíveis desdobramentos perceptivos a partir da qualidade e alcance de suas investigações e trabalhos.

Compreendo, dessa maneira, a diferença cultural e identitária como um dos parâmetros para o início da prática etnográfica em minha investigação. Ao perceber que distintos costumes e comportamentos personificam lugares, penso que novos territórios de exploração são inaugurados, no quais a observação, a participação, a proposição em diferentes contextos sociais se apresentam como relevantes meios e fontes de criação na pesquisa em arte.

No contexto da zona rural, percebo aspectos singulares a partir da minha perda da cultura característica desse espaço que se esvaiu durante meu próprio deslocamento para a zona urbana. Ao retornar para este lugar e participar do cotidiano de seus habitantes, as qualidades dos hábitos, comportamento e identidade podem ser percebidos com intensidade. Com base na constatação perceptiva desse lugar de resistência - e persistência - frente o lugar zona urbana, observo a potência dessa *atmosfera* cultural.

Transposição, os dispositivos de registro entre zonas

Como procedimento para o processo de coleta de dados, utilizei-me dos recursos da fotografia, vídeo e captação de áudio; dispositivos estes, que permitiram o registro da visualidade e sons do lugar. Já as sensações táteis, e de temperatura e aromas, foram registradas através relatórios descritivos. Compreendo que os mais variados dispositivos e suas formas de registro estabelecem os primeiros passos de um processo de trabalho que busca o conhecimento de um lugar e sua complexidade. Em cada visita às zonas rurais definidas, os materiais coletados se complementam e constituem um acúmulo significativo para o pensar e fazer criativo.

A discussão sobre dispositivos de registro no campo das artes visuais é recorrente desde os anos 1960. Suas funções e possibilidades variam, podendo ser pensando enquanto documentação, enquanto meio para a derivação de obras, ou questionado em relação ao momento em que o próprio registro pode se fazer obra. Hoje, os

equipamentos técnicos de produção de imagem do mundo contemporâneo permitem variadas formas de registro e arquivo (COSTA, 2009, p. 83-96).

Processos de registrar e arquivar na arte contemporânea, portanto, não se resumem apenas a novas “técnicas artísticas” de criação formal [...]. Os fragmentos, os objetos remanescentes de acontecimentos eles mesmos temporais tornam-se índices de um tempo passado e abertura simultânea para um tempo futuro indeterminado. A obra plástica produzida com a tecnologia do arquivo – entendendo essa expressão como o dispositivo artístico de reunião de materialidades e corpos em um determinado ambiente (natural, social, técnico), mas também de produção de relações transversais de disjunção e troca – encontraria o tempo (a diferenciação e divisão) como matéria plástica. (COSTA, 2008, p. 396)

Na presente pesquisa, os dispositivos cumprem importante papel durante o processo do contato entre zonas (rural e urbana). A partir deles um universo de registros é construído, tornando possível transladar fragmentos da zona rural para o contexto da zona urbana.

A escolha por ativar tais dispositivos para a captura do espaço depende da seleção do meu olhar, de momentos que considero relevantes, levando-me a pensar que a visão do artista se faz presente durante todo o processo. Ciente disso, reflito sobre a possibilidade desta etapa da pesquisa se ampliar mediante projetos colaborativos, tanto com a participação de artistas com poéticas afins, como dos próprios agricultores, enriquecendo o processo criativo a partir de variados olhares e percepções, considerando tal prática em procedimentos de coleta e proposições espaciais.

Logo, creio que a transposição da *atmosfera* para outro contexto se torna possível com a multiplicidade e amadurecimento dessas percepções, como também com o aprofundamento da pesquisa de campo por meio de contatos mais íntimos com as zonas rurais estipuladas, seja através de diálogos específicos, propostas de interações diversas, exploração de outros pontos de observação e experiência, e suas mais variadas formas de coleta e registro. A partir de então, acredito que o processo de criação se torna fluído, constante, instigante, abarcando as inúmeras possibilidades de feitura do trabalho em arte.

O ponto de apoio é a experiência entendida como um saber-fazer,

isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009, p. 18)

Percepção, o sentido da atmosfera

A *atmosfera* das zonas rurais investigadas me faz pensar que a sua percepção não está relacionada apenas aos fatores físicos do ambiente, mas envolve uma série de práticas culturais, comportamentos e modos de viver de seus habitantes.

Durante o período de aproximação desse contexto e das práticas cotidianas dos moradores, pude experienciar relatos, falas, e compreender um pouco sobre a forma como eles se relacionam com o meio ambiente; seus valores; suas relações com os moradores das cidades; a maneira como se constituem suas personalidades peculiares.

No decorrer da pesquisa de campo, permaneço em constante processo de observação a fim de averiguar procedimentos mais eficientes para uma aproximação convergente com o lugar. As primeiras visitas foram orientadas sobre aspectos ligados às práticas dos agricultores, com diálogos/re relatos mais técnicos (fig. 2).



Agricultor relatando práticas agroecológicas, Coxilha dos Silveira, Canguçu (RS), 2015
Imagens do registro em vídeo e áudio

Para o historiador Michel de Certeau em *A invenção do cotidiano*, “os relatos efetuam portanto um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros” (CERTEAU, 1998, p. 203). Percebo assim que, mesmo os diálogos técnicos indicam a postura profissional dos agricultores, entre outras particularidades associadas ao lugar e identidade.

Ainda que localizados em áreas relativamente próximas às zonas urbanas com as quais necessitam realizar frequentes contatos, as pessoas com as quais dialoguei manifestaram optar pela preservação de suas características identitárias e permanecer ligados aos seus locais, costumes, crenças e princípios de vida. Essa preferência pela autopreservação pode ser percebida em relatos de cinco agricultores, com faixas etárias em torno de cinquenta anos, que foram registradas em vídeo e áudio (fig. 3, 4, 5).



Relato de agricultora, Coxilha dos Campos, Canguçu (RS), 2015
Imagens do registro em vídeo e áudio



Relato de agricultor, Colônia São Manoel, Pelotas (RS), 2015
Imagens do registro em vídeo e áudio



Relato de agricultor, Coxilha dos Silveira, Canguçu (RS), 2015
Imagens do registro em vídeo e áudio

Ainda que diante das inúmeras dificuldades que permeiam a vida rural, como o excesso de trabalho, as variações do clima (estiagem, geadas), as pragas, as práticas antiecológicas de vizinhos, a falta de incentivo financeiro e de tecnologias que sustentem a agroecologia, dentre outros problemas mencionados por eles próprios, os cinco agricultores evidenciaram, em diálogo, desejos de continuar vivendo naquele lugar.

Cientes dos inconvenientes superados no dia-a-dia comentaram se identificar com a zona rural, valorizando o meio ambiente o qual afirmam responder positivamente

aos métodos agroecológicos empregados. Também registrei momentos de suas falas em que se mostraram isentos do desejo de acumulação material, quando mencionaram os desgastes oriundos dos trabalhos cotidianos, e os escassos retornos financeiros de suas atividades. Seus relatos continham palavras de gratidão à natureza, aos seus trabalhos e aprendizados cotidianos.

A seguir a transcrição de partes dos relatos de dois agricultores, a partir do registro em vídeo e áudio, de momentos em que mencionaram aspectos relacionados ao meio ambiente:

[...] se tu não tens respeito pela natureza, tu não tens nada. Tu és uma pessoa oca, vazia... Porque o princípio de tudo está aqui. A terra é mãe. (...) A mãe vai te curar... Qual é a mãe que não cura um filho? Qual é a mãe que não vai *pelear* para que o filho fique bem? [...] Então, a mãe terra vai fazer isso por ti. Agora, se tu não tens esse princípio aí, tu não tens é nada. Eu parto desse princípio⁹.

[...] o descaso das pessoas com o que é do outro, né? O ambiente, a região que a gente vive é nossa! E os caras botando lixo, como agora, [...] no desvio do pedágio, ali, parece um lixão; o pessoal sai da cidade, e vai despejar ali, no meio ambiente... Então, é um crime que se faz. Mas... Existe pouca mentalidade.¹⁰

A maneira como foram registrados esses relatos, assim como outros aspectos do lugar, fizeram-me pensar a criação tanto a partir de parâmetros mais neutros (que fragmenta o olhar íntimo afetivo), quanto a trabalhar sob percepções subjetivas referente às minhas resgatadas relações com o lugar. A estas variantes, após reflexão e anseio por um processo de criação denso e plural, somam-se as possibilidades de trabalhar sob o olhar de outros artistas e dos próprios agricultores investigados. Para Grant H. Kester:

[...] projetos colaborativos e coletivos são consideravelmente diversos da prática artística convencional baseada em objetos. O engajamento do participante é realizado pela imersão e participação num processo, mais do que na contemplação visual (leitura ou decodificação de um objeto ou imagem).¹¹

O material coletado com sua diversidade de registros e dispositivos me propiciou um processo de criação que se desenvolve em um momento após o fato. Dessa forma, geralmente trabalho com o estudo dos registros longe do local da coleta, e com sensações que se manifestam nessas condições posteriores.

Ao meu ver, nesse contexto, o artista como etnógrafo necessita transitar por entre determinados parâmetros próprios da arte contemporânea, o que inclui pensar formas oportunas para o deslocamento da *atmosfera* da zona rural para a zona urbana e as inúmeras alternativas de criação, concepção, e apresentação/transmissão do trabalho.

Portanto, aspiro por um processo criativo simultâneo ao espaço da zona rural; a trabalhar com proposições que alcancem diferentes aspectos dessa *atmosfera*. *Atmosfera*, que penso propícia a gerar desdobramentos perceptivos a partir de vias que possibilitem seu acesso – amplitude, essa, intrínseca do campo da arte.

Notas

¹ Disciplina científica que enfoca o estudo da agricultura por uma perspectiva ecológica para conservação da biodiversidade, restabelecimento do balance ecológico dos agroecossistemas, de maneira a alcançar uma produção sustentável. ALTIERI, NICHOLLS, 2000, p. 14-17.

² Reflexão a partir do conceito de Kandinsky sobre exteriorização. HENRY, Michel. *Ver o invisível: sobre Kandinsky*. São Paulo: Realizações, 2012.

³ Descrição da palavra “atmosfera”. FERREIRA, Aurélio B. de H. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. São Paulo: Positivo, 2010.

⁴ STRAHLER, 1986, p. 121-122.

⁵ GÓMEZ, 2008, p. 312. Tradução da autora.

⁶ FOSTER, 1996, p. 182. Tradução da autora.

⁷ FOSTER, 1996, p. 184. Tradução da autora.

⁸ KOSUTH, 1975, p. 24. Tradução de Alice Jean Monsell, grifo nosso, do trecho original: *The artist perpetuates his culture by maintaining certain features of it by "using" them. The artist is a model of the anthropologist engaged.*

⁹ Relato de agricultora. Coxilha dos Campos, Canguçu / RS, 2015.

¹⁰ Relato de agricultor. Colônia São Manoel, Pelotas / RS, 2015.

¹¹ Grant H. Kester em *Colaboração, Arte e Subculturas*, p. 11. Disponível em:

<http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/up/arquivos/200611/20061117_141808_CadernoVB02_p.10-35_P.pdf> Acesso em: 17 de abril 2015.

Referências

ALTIERI, Miguel; NICHOLLS, Clara. *Agroecología: Teoría y práctica para una agricultura sustentable*. México: PNUMA, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, Luiz Cláudio da (org.). *Dispositivos de registros na arte contemporânea*. Rio de

Janeiro: Contra Capa Livraria, 2009.

_____. *Registro e arquivo na arte: disponibilidade, modos e transferências fantasmáticas de escrituras*. Florianópolis: ANPAP, 2008.

FOSTER, Hal. *The artist as ethnographer*. In *The Return of the Real: The Avant-Garde at the End of the Century*. MIT Press, 1996.

FREIRE, Cristina. *Poéticas do Processo: Arte Conceitual no Museu*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

GÓMEZ, Jahir Navalles. *Idea de atmósfera: Psicología social y otros prolegómenos*. Bellaterra: Athenea Digital n.13, 2008.

KESTER, Grant H. *Colaboração, Arte e Subculturas*. Disponível em:
<http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/up/arquivos/200611/20061117_141808_Cadern oVB02_p.10-35_P.pdf> Acesso em: 17 abr. 2015.

KOSUTH, Joseph. *Artist as Anthropologist*. In *The Fox*. New York: Art & Language Foundation, 1975.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005.

STRAHLER, Arthur N. *Geografía Física*. Barcelona: Omega, 1986.

ZUMTHOR, Peter. *Atmosferas*. São Paulo: Gustavo Gili, 2009.

Gracia Casaretto Calderón

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, linha de pesquisa Processos Criativos e Poéticas do Cotidiano, sob orientação da Profa. Dra. Alice Jean Monsell. Artista visual, realiza pesquisa acerca da atmosfera da zona rural e sua transposição para o campo das artes visuais.